

Violência escolar: causas, consequências e possíveis soluções

School violence: causes, consequences and possible solutions

Roberlane Melo Carvalho

Universidad de la Integración de las Américas

Minuta descritiva decorrente da pesquisa científica apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação
Curso de Mestrado em Ciências da Educação pela Universidad de la
Integración de las Américas
Orientador: Prof.º Dr. Alderlan Souza Cabral

DOI: 10.47573/aya.5379.2.90.11

RESUMO

As escolas da rede pública de ensino brasileira vivenciam o problema da violência escolar de várias formas, e os principais envolvidos são alunos e professores. Nesta pesquisa, fica claro que o caráter multifacetado da violência no ambiente escolar impõe uma série de desafios na definição do fenômeno. Pois, a violência escolar, além de ser um problema social, é também cultural. A presente pesquisa trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva com enfoque qualitativo, na qual pretende-se responder a seguinte indagação: Por que a violência escolar é um problema constante entre alunos e entre professores e alunos na escola? Diante desta indagação, buscou-se por meio de entrevista, junto aos professores da escola foco desta pesquisa da rede estadual de ensino da Cidade de Manaus, a concepção de violência e se ela se modifica de acordo com o local onde a escola está inserida. Os resultados apontam vários tipos de violência escolar, como a violência pela falta de estrutura familiar, o uso de drogas, a exploração sexual e o *bullying*. Quanto às causas da violência escolar, os dados apontam, principalmente, para a falta de estrutura familiar e falta de limites e de valores.

Palavras-chave: violência escolar. causas. consequências.

ABSTRACT

Schools in the Brazilian public education system experience the problem of school violence in several ways, and the main involved are students and teachers. In this research, it can be understood that the multifaceted character of violence in the school environment imposes a series of challenges regarding the definition of the phenomenon. For, school violence, in addition to being a social problem, is also cultural. The present research is an exploratory descriptive research with a qualitative approach, in which we intend to answer the following question: Why is school violence a constant problem among students and between teachers and students at school? Faced with this question, the concept of violence and whether it changes according to the place where the school is located was sought through an interview with the teachers of the school that is the focus of this research in the state education network in the City of Manaus. The results point to several types of school violence, such as violence due to lack of family structure, drug use, sexual exploitation and bullying. As for the causes of school violence, the data mainly point to the lack of family structure and lack of limits and values.

Keywords: school violence. causes. consequences.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a temática: “Violência Escolar: Causas, consequências e possíveis soluções”. A violência na sociedade contemporânea é visível e invade subjetivamente e objetivamente a vida de todos de tal forma que interfere nas ações, emoções e decisões. Essa violência também está no meio escolar, e se depara frente a um desafio social a ser enfrentado com serenidade devido à complexidade dos tipos existentes e de suas inúmeras manifestações constantes.

Objetivo Geral: Compreender as causas e consequências dos atos relacionados às

práticas de violências no ambiente escolar compartilhadas por alunos e professores da modalidade do Ensino Médio, em uma escola pública na cidade de Manaus-AM/Brasil, no período de 2020-2021. **Específicos:** Identificar as principais causas da violência contra o aluno e o professor no ambiente escolar, sua representatividade e as práticas educativas de prevenção efetivadas pela escola; Conceituar os problemas relacionados à violência e suas consequências tanto para o professor, quanto para o aluno em seu desenvolvimento acadêmico; Refletir sobre as questões que giram em torno da violência escolar na busca de estratégias e soluções a serem adotadas pela escola, para solucionar as agressividades em seu contexto. Se os casos da violência escolar que acontecem na escola são devidos a situações de preconceitos entre alunos e professores, então presume-se que seja relevante um curso de psicologia aplicado a bons relacionamentos na equipe formadora.

Buscou-se sensibilizar aos leitores, da presente obra, sobre a importância de se debater a questão da violência na escola e sobre o papel a ser desempenhado por cada um dos educadores e sociedade.

Para tentar resolver a questão da violência escolar é preciso que a família, o estado e a sociedade, de modo geral, se unam e que cada um faça sua parte. Não se pode calar perante a gravidade dos atos violentos no ambiente escolar, pois, se calar, prejudica o desenvolvimento social de cada criança, adolescente, jovem ou adulto que compõem o contexto da escola pública.

FATORES E TEMÁTICAS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR

Na tentativa de responder às questões relativas à indisciplina escolar, apoia-se em autores renomados como Michael Foucault. Para isso, procurou-se, especialmente em suas obras, elementos teóricos que pudessem subsidiar a discussão da temática e do embasamento. Foucault (2000) é referência em estudos sobre a violência escolar, pois tratou diretamente sobre as escolas e as ideias pedagógicas na idade moderna e, segundo ele:

O discurso é o encadeamento de significantes em si mesmo e de outros discursos externos. Não possui foco no significado e sim no significante e, portanto, no imaginário dos receptores. Reproduz “de” e “para” esse imaginário consolidando a função de perpetuar as leis, regras, normas, valores implícitos “no verdadeiro” socialmente aceito. (FOUCAULT, 2000, p. 35)

Além disso, a obra Foucault nos inspira uma grande variedade de pesquisa sobre educação em diversos países. Ele nos mostrou, pela primeira vez, que a escola moderna produziu e continua produzindo um determinado tipo de sociedade. Segundo Foucault (2001), a escola é responsável por formar cidadãos disciplinados onde:

A disciplina distribui os indivíduos no espaço, estabelece mecanismos de controle das atividades, programa o desenvolvimento dos processos e articula coletivamente as atividades individuais. Para tanto, são utilizados meios coercitivos como vigilância, sanções e exames, características do poder disciplinar que caracterizam a estrutura e o funcionamento das instituições, especialmente as escolas. (FOUCAULT, 2001)

Nos cabe aqui ressaltar o fortalecimento do diálogo da paz no âmbito escolar, principalmente na Escola Estadual Professor Cleômenes do Carmo Chaves na Cidade de Manaus, onde é nosso foco de estudo, para que nela seja constituída boas práticas que resultem na diminuição da violência escolar. Infelizmente, esta é uma realidade da sociedade brasileira e dela não podemos fugir, mas precisamos desenvolver ações enérgicas, que é o que estamos buscando fazer

na presente pesquisa. Entende-se que a educação pode mudar o rumo desta história e nós, como educadores, não podemos permitir o fortalecimento dos vícios familiares, porque grande parte da violência tem origem no seio familiar.

Para Saviani, (2003):

A escola como organização e instituição social tem uma função social que a distingue das demais e é parte fundamental da formação das sociedades humanas. A distinção está na sistematização, no processo de formação que visa inculcar valores, ensinamentos e normas na sociedade, entre os conteúdos historicamente produzidos pela humanidade e o aluno, buscando formas pelas quais esse conhecimento possa ser adquirido pelos indivíduos, para a formação de novas gerações de pessoas. (SAVIANI, 2003)

Já Valle (2009), entende que:

A organização escolar é penetrada por relações de poder e dominação, refletidas em sua cultura e nos saberes que a alimentam, saberes ambíguos, distantes da vida cotidiana, que dependem quase que exclusivamente da comunicação escrita e se adaptam mais comumente a procedimentos de avaliação formal. Assim entendido, denotamos que os critérios de legitimação e hierarquização presentes na sociedade prevalecem na organização escolar, indicando um sistema educacional enraizado numa sociedade estruturada por relações sociais desiguais, com consequências profundas no rendimento escolar e nas manifestações que a partir daí se desvelam. (VALLE, 2009)

Na organização escolar o poder é quase mágico, pois dissimula a força que o fundamenta, é um “poder invisível que só pode se exercer com a cumplicidade daqueles que não querem saber que a ele se submetem ou mesmo que o exercem, impõe-se como legítimo por ser simbólico, e só se incute se for reconhecido”. (BOURDIEU e PASSERON, 2008, p.26-35)

Para Bourdieu e Passeron (2008) qualquer poder que consiga impor significados e impô-los como legítimos obscurecendo as relações de poder subjacentes ao seu poder é considerado violência simbólica. Dessa forma, a violência reproduzida na escola pode ser uma violência simbólica, refletida nas ações de seus atores. Os autores ainda afirmam: Todo ato pedagógico é objetivamente violência simbólica como imposição, por um poder arbitrário... (p.26), que nega a autonomia e a consciência dos indivíduos na relação pedagógica e assim os reproduziria inconscientemente. Estabelecido pelos grupos dominantes.

Assim, dizer que:

Os agentes reconhecem a legitimidade de uma autoridade pedagógica apenas como pertencente à definição completa da relação de forças em que estão objetivamente colocados, a fim de impedir que apreendem a base dessa relação. Desse modo, derivam delas práticas que dão conta objetivamente da necessidade das relações de poder, mesmo que sejam desmentidas pelas racionalizações do discurso ou pelas certezas da experiência. (BOURDIEU e PASSERON, 2008 p.35)

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei 8.069 de 13/07/1990) a doutrina jurídica de proteção integral à criança e ao adolescente deixa de ser vista como objeto de intervenção da família, da sociedade e do estado e passa a ser entendida como um sujeito de direito em desenvolvimento.

Quanto, a violência do *bullying*, pode-se compreender na análise dos resultados que parte dos alunos que sofreram *bullying* na sua infância se tornam também praticantes. O *bullying*, segundo Lopes Neto (2005), compreende as atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outros.

Esses comportamentos causam dor e angústia, ocorrem em um equilíbrio desigual de poder e podem trazer consequências para o desenvolvimento psicossocial dos envolvidos. Smith (2002) observa que essa intimidação é percebida como um abuso de poder sistemático e para Olweus, Solberg e Andresen (2007) implica um abuso de poder agressivo e sistemático que se desenvolve ao longo do tempo.

Fante (2005) caracterizados como comportamentos peculiares na manifestação de bullying, insultos, intimidações, apelidos cruéis e constrangedores, piadas profundamente ofensivas, acusações injustas e aparecimento de grupos hostis. Tais comportamentos ridicularizam e criam um verdadeiro caos na vida dos alunos intimidados, levando à exclusão.

Além de danos físicos, morais e materiais, o que pode ser considerado mais grave é a sua potencialidade de provocar sofrimento psíquico em suas vítimas que, em sua maioria, apresentam dificuldade em se defender. Infelizmente, muitos sofrem calados e se tornam crianças e adolescentes agressivos. Vale ressaltar que, em muitos casos, a violência que sofreram provocará ações violentas no futuro da vítima, ou seja, uma cadeia de violências.

Em muitos casos, além de não procurarem ajuda, acabam se isolando por se sentirem humilhados, alguns chegam até a cometer o suicídio. Essas vítimas do *Bullying*, também possuem grandes chances de se tornarem adultos revoltados e, em muitos casos, até criminosos. Isso porque estão vulneráveis, com baixa autoestima, com medo e angustiados. Antes que isso ocorra, podemos observar sinais, tais como: a diminuição no rendimento escolar, o aumento do pedido de dinheiro aos pais, o não querir ir à escola, entre inúmeras outras ações negativas.

Quanto a isso, Marriel e cols. (2006) afirma que:

A insegurança que nossa sociedade enfrenta atualmente se reflete no ambiente escolar, reduzindo a harmonia que ainda existe em muitos ambientes educacionais e tornando os atos de violência uma forma habitual da experiência escolar. A violência se manifesta como forma de dominação, e a conquista desse poder produz as diversas formas de violência. (MARRIEL e cols., 2006)

Entende-se que, muitas das vezes, alguns alunos buscam na violência a conquista da sua afirmação ou popularidade. Dessa forma, o ato violento se manifesta de forma banalizada, pois o mais forte torna-se popular e, com isso, assume um *status* mais elevado no âmbito social da escola. Então, as atitudes violentas de alguns alunos funcionam para eles como meio facilitador de autoafirmação.

Entretanto, alunos com condutas violentas e agressivas não estão em busca de um *status*, pois a atitudes violentas no uso da drogadição que muitos dos alunos cometem e que refletem em suas vidas de forma negativa, nada mais são do que um pedido de socorro. Socorro, esse que nem sempre chega ao aluno-vítima-agressor.

A violência sexual “é compreendida como a violação dos direitos sexuais, no sentido de abusar ou explorar do corpo e da sexualidade de crianças e adolescentes. Ela pode ser classificada em abuso sexual (extra ou intrafamiliar) ou exploração sexual”. A violência sexual, hoje, é considerada uma das principais causas de morbimortalidade, especialmente na população jovem de crianças e adolescentes. Pois “a maioria dos casos de abuso sexual é cometida por pessoas sem patologia alguma e se deve à cultura ainda permissiva quanto às práticas violentas e sexuais com crianças e adolescentes”. (LAVAREDA; MAGALHÃES, 2015)

Para Romero (2007, p. 19) a “[...] pior forma de violência é aquela sofrida dentro da própria casa, diretamente dos pais, parentes responsáveis ou pessoas conhecidas [...]”. Para ela, o abuso ocorre de modo sigiloso e atinge dimensões complexas, que vai desde traumas até doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. Essa criança tem um vínculo afetivo com o abusador, havendo uma confiança que é quebrada, vindo então o medo de voltar a acontecer, pois haverá o convívio com o agressor, deixando a criança sem coragem de falar ou até mesmo com vergonha de se expor.

Segundo o Artigo 19 da Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC):

As principais formas de violência contra crianças e jovens: são todas as formas de violência física ou psicológica, criminosa ou de maus tratos, negligência ou tratamento negligente, abuso ou exploração, incluindo abuso sexual, enquanto a criança ou o jovem estiver sob os cuidados de a mãe, pai ou filho estão localizados, tutores legais ou outra pessoa responsável por eles. (BRASIL, 2017)

Assim, a violência sexual é entendida como:

Qualquer comportamento que obrigue a criança ou jovem a praticar ou presenciar relações carnais ou outros atos indecentes, incluindo exposição do corpo em fotografia ou vídeo com ou sem meios eletrônicos, incluindo: abuso sexual, entendido como qualquer ato em que a criança ou jovem seja utilizado para fins sexuais, seja relação sexual ou qualquer outro ato lascivo realizado pessoalmente ou por meio eletrônico, para estimulação sexual do agente ou de terceiro, ou para exploração sexual comercial, entendida como o uso de criança ou adolescente em atividade sexual em troca de remuneração ou qualquer outra forma de remuneração, independente ou sob o patrocínio, endosso ou indução de terceiro, pessoalmente ou eletronicamente. (BRASIL, 2017)

Vale ressaltar que os artigos 5º, 13, 56, 87 e 245 do ECA garantem punição quando uma criança ou adolescente:

São vítimas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Se houver suspeita ou confirmação de abuso, o Conselho Tutelar deve ser notificado. A direção da escola também deve notificar o Conselho Tutelar caso os alunos estejam sendo abusados. Às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão são garantidas prevenção especial e apoio médico e psicossocial. Portanto, de acordo com o ECA, os profissionais de saúde e educação são obrigados a denunciar abusos contra crianças e jovens. (BRASIL, 1990)

Desta forma, o setor da educação é aquele que permite um maior contacto com o mundo infantil, pelo que deve procurar reconhecer e conhecer os maus tratos às crianças na nossa sociedade. Nessa perspectiva, observa-se a importância de professores qualificados, conhecedores do assunto, para atuar na detecção, encaminhamento, acolhimento e prevenção. Conforme descrito, os profissionais da educação são atores importantes e responsáveis legalmente no combate à violência contra a criança, tornando-se necessário discutir neste estudo o papel do professor diante dessa problemática e o vínculo existente com o setor saúde. que permite maior contato com o universo infantil, por isso deve procurar reconhecer e conhecer os maus-tratos à criança em nossa sociedade. Nessa perspectiva, observa-se a importância de professores qualificados, conhecedores do assunto, para atuar na detecção, encaminhamento, acolhimento e prevenção. Conforme descrito, os profissionais da educação são atores importantes e responsáveis legalmente no combate à violência contra a criança, tornando-se necessário discutir neste estudo o papel do professor diante dessa problemática e o vínculo existente com o setor saúde. (FALEIROS, 2009).

A violência na escola costuma ocorrer: “dentro da escola (pátio, quadra, salas de aula);

portão de entrada da escola; na via pública em frente à escola”. (FUKUI, 1991, p. 68-76). Com efeito, esses atos de violência sempre envolvem indivíduos pertencentes à escola, tanto como vítimas ou como agressores.

Essa violência escolar precisa ser comparada à violência escolar em alguns episódios, por exemplo: aluno agride professor, diretor ou funcionários ou usa violência ou não. Ao caracterizar uma violência que decorre da forma como a instituição e seus agentes os tratam com base em regras e normas estabelecidas.

Portanto, no ambiente escolar é possível identificarmos vários tipos de agressores. Alguns estão na escola desde que entraram na educação infantil, outros adentraram à escola recentemente e já manifestam formas de violências, seja diariamente ou ocasionalmente. A escola e seus integrantes são também vítimas de agressores externos, dos poderes constituídos, da família e da comunidade em que ela se insere. A violência pode se manifestar na forma de vários tipos de agressões, de incivildade e de desrespeito, mas resulta também de conceitos, preconceitos, práticas cotidianas, representações sociais inadequadas, problemas psicológicos e mesmo da própria ignorância.

É no espaço escolar que a criança começa a estabelecer relação fora do ambiente familiar, sentindo-se de fato um sujeito social, um cidadão no uso do seu pleno direito. É também na escola que a criança se torna adolescente, e é nesse espaço que ela também consegue expressar incômodos gerados por situações que está vivendo em seu ambiente familiar e social.

A escola é um espaço pedagógico em que o aluno dá os primeiros sinais de que é vítima das violações de seus direitos. Tal fato é triste, pois a escola deveria ser um espaço livre de violência, um espaço que contribuísse para a construção plena da cidadania, onde a convivência harmoniosa deveria garantir o respeito e a valorização dos Direitos Humanos. Porém, no dia a dia das escolas públicas, o que se percebe é uma constante violação de direitos humanos da criança, do adolescente e do profissional da educação por conta das violências.

Segundo Priotto (2008) e Boneti (2003),

A violência escolar é definida como todos os atos ou atos de violência, comportamento agressivo e antissocial, incluindo conflitos interpessoais (seja entre alunos, alunos e professores, ou mesmo entre professores), danos ao patrimônio escolar, atos criminosos, exclusão, discriminação entre outros. na comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e pessoas de fora) praticam no ambiente escolar. (PRIOTTO, 2008 e BONETI, 2003)

A violência que os professores vêm enfrentando nos últimos anos é resultado de inúmeros fatores, dentre eles destacam-se: pouca segurança na escola e imediações, carência em punições administrativas. A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição. Tendo em vista que, no ambiente escolar, presenciamos atos de agressividade que não envolve somente alunos e professores, mas todo o quadro administrativo que constitui o órgão educacional e que vem causando muita angústia e medo pelas formas como tal fenômeno acontece e, por pessoas cada vez mais jovens estarem sendo envolvidas, seja como vítimas ou agressores.

A violência ocorre quando, em uma situação de interação, um ou mais atores agem direta ou indiretamente, massivamente ou esparsamente, prejudicando uma ou mais pessoas em graus variados, seja em sua integridade física ou moral, em seus bens ou em graus variados em sua integridade simbólica e participação cultural. (MICHAUD, *apud* WASEL-

A banalização dos atos de violências que permeiam o cotidiano de muitas pessoas e em vários seguimentos, tem feito com que a escola seja apenas mais uma instituição da sociedade a sofrer esse mal. Sendo assim, os motivos pelos quais as pessoas agredem outras são os mais banais possíveis. “Com relativa frequência os alunos deixam de brincar coletivamente, passando a se agredirem uns aos outros sem motivos aparentes. Estas agressões constantes têm interferido no rendimento escolar dos dois lados, de quem agride e de quem é agredido, e culmina na falta de interesse pelos estudos”. (CORTEZ, 2012, p. 17).

PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma escola estadual na Cidade de Manaus-AM/Brasil, no período de 2020-2021, a instituição de ensino procura proporcionar aos educandos a formação necessária ao pleno desenvolvimento de suas competências e habilidades para a sua autorrealização pessoal e profissional. Sua visão é ser reconhecida como uma instituição educacional dinâmica, integrada e comprometida com a formação de cidadãos críticos, éticos, conscientes, capazes de cumprir com a responsabilidade social, respeitando as diferenças.

Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva, pois a pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis), sem manipulá-los; estuda fatos e fenômenos do mundo físico e, especialmente, do mundo humano, sem a interferência do pesquisador. Com enfoque qualitativo a abordagem qualitativa ela se fundamenta em descrições detalhadas de situações, sendo importante na identificação conceitual de valores encontrados entre os sujeitos pesquisados e difíceis de quantificar, tais como: sentimentos, atitudes individuais, crenças etc. (BOGDAN; BIKLEN, 2003).

Para a análise, levantar-se-á uma amostra de 35 (trinta e cinco) pessoas, sendo: 20 (vinte) alunos e 15 (quinze) professores. Dentre os instrumentos de coleta de dados, optou-se pela técnica da entrevista através do questionário, com perguntas semiestruturadas, para ser respondido pelos professores. Este tipo de entrevista, segundo Triviços, (1987) é um dos principais recursos que o investigador pode utilizar-se como técnica de coleta de informação, e que

[...]Parte-se de algumas questões básicas, fundamentadas em teorias e hipóteses de interesse para a pesquisa, que oferecem, então, um amplo leque de questões, fruto de novas hipóteses que surgem quando as respostas dos informantes são recebidas. Dessa forma, o informante passa a seguir espontaneamente sua linha de pensamento e experiências dentro do foco estabelecido pelo investigador, para participar da elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÇOS, 1987)

Portanto, a entrevista semiestruturada difere da entrevista estruturada por não ser totalmente aberta e não ser guiada por muitas perguntas pré-determinadas. É baseado em apenas uma ou algumas perguntas/guias, é quase sempre aberto e nem todas as perguntas elaboradas são usadas.

ANÁLISE DE RESULTADOS

Em respostas aos questionamentos propostos na presente pesquisa, que são: Quais as principais causas e consequências do comportamento agressivo e violento dos alunos e quais as estratégias e métodos que a escola pode se utilizar para intervir na busca de possíveis soluções no combate à violência entre alunos e entre professores e alunos?

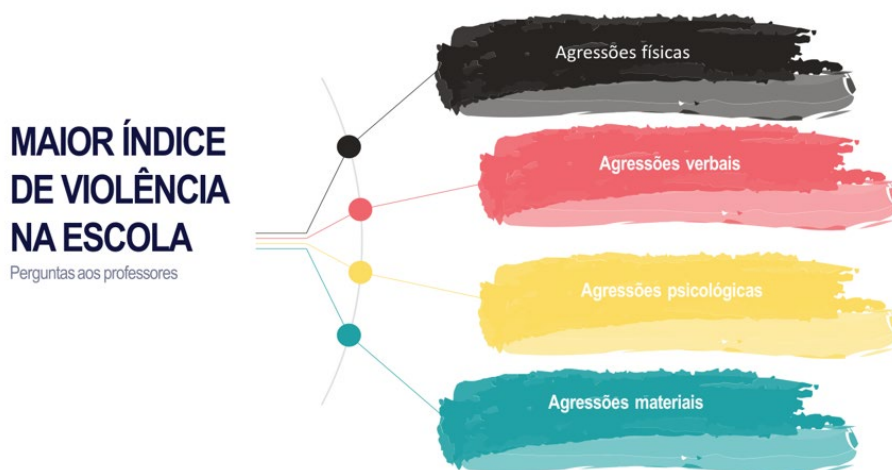
Se obteve a compreensão que a indisciplina na escola, além de possuir diferentes motivos, é a maior causadora da violência e as causas desses comportamentos estão nos problemas familiares, isenção social ou escolar, excessiva proteção dos pais, abuso e violência doméstica, carências sociais, influências negativas, entre outras razões.

Nestes casos, o professor, muitas vezes, fica impotente por conta das situações expostas. No entanto, existem outras causas que resultam de disfunções entre alunos, professores e escola. A desmotivação e o desinteresse do aluno diante daquilo que o professor pretende ensinar interfere no seu comportamento deixando-o, muitas vezes, agressivo. E isso se dá pelas formas inadequadas na aplicação dos métodos de ensino, nas estratégias de relação na sala de aula e na clareza da negociação daquilo que o professor pretende fazer, pois quando não há regras que estejam em comum acordo, o resultado é a insatisfação e indisciplina.

Dito isso, com relação a hipótese formulada no início do nosso estudo; onde afirmamos que a violência acontece na escola porque os professores não gostam dos alunos, nem das aulas dinâmicas que necessitam de tecnologias digitais e que os alunos não gostam dos professores, nem da escola e nem dos colegas que são mais envolvidos nas atividades escolares; ficou-nos provado que não se trata do professor e alunos gostarem ou não uns dos outros, assim, como também, não há uma estratégia-padrão aplicável perante uma atitude indisciplinar do aluno.

Para isso, valerá a experiência profissional para administrar as diferentes situações. É importante ressaltar que o docente nunca deve perder o controle, o controle da situação ou de si próprio. Deve sempre lembrar que ele é o profissional e o aluno é o adolescente com a mente ainda em formação. Quando se perguntou dos professores qual o maior índice de violência dentro do espaço escolar as respostas encontram-se explícitas abaixo:

Figura 1 - índice de violência escolar



Fonte: O pesquisador (2020)

Como exemplificado na figura 1, ficou claro que a violência contra o professor pode ser definida como conjunto de ações e situações provocadas por estudantes ou terceiros de forma insidiosa ou crônica no local de trabalho ou até mesmo meio digital, mediada pela percepção de violência, fatos que o formado enfrenta constantemente.

No que se refere aos alunos pesquisados referentes a abordagem temática torna-se necessário compreender o que é indisciplina e o que é violência e quais as formas como elas se apresentam e quais atitudes tomar para o enfrentamento do problema. Para Julio Groppa Aquino (2003), “(...) a indisciplina se trata de um fenômeno escolar que ultrapassa fronteiras socioculturais e também econômicas”.

Figura 2 - fatos de indisciplina e violência



Fonte: O pesquisador (2020)

Fazer essa distinção é difícil, mas uma forma é lembrar que a violência é algo maior e mais grave que a indisciplina, envolve algum tipo de ação que é punida fora do ambiente escolar, inclusive o Código Penal e o ECA pode. Violência seria agressão física, assédio, bullying, ameaças, ofensas, calúnias, etc. Indisciplina é desobedecer às regras, mau comportamento que interfere na convivência social/escola (desordem, caos, desobediência, etc.), mas faz parte do trabalho como tal do professor controlar isso para que não interfira no processo de ensino - aprendizagem, como nos diz Oliveira (2005):

Além do comprometimento do professor e do processo de ensino-aprendizagem por falta de disciplina, o aluno também prejudica seu próprio comportamento: dificilmente se beneficiará do conteúdo transmitido na aula, pois ruídos e movimentos impedem qualquer trabalho reprodutivo. (OLIVEIRA, 2005, p.21)

Salienta-se, assim que, no ambiente escolar, os envolvidos podem ser aluno-professor, professor-professor, professor-aluno, aluno-direção, professor-direção e ainda direção-professor. Muitas vezes, os “adolescentes vítimas de *bullying* escolar, apresentam debilidades sociais desveladas, demonstrando demasiadamente suas aflições, sensibilidades, baixa autoestima e dificuldades de se entrosar no grupo, tornando-se assim, alvos fáceis dos agressores”. (SILVA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou constatado que são muitas as formas de violência no ambiente escolar no dia a dia, seja contra o patrimônio escolar; contra professores, diretores, funcionários e, principalmente, entre os próprios alunos.

O estudo nos permitiu também compreender, além dos diversos fatores supracitados que estão por traz da violência, o ambiente de ensino é constituído por muitos alunos (agressores) que são dotados de sentimentos negativos dos pais, provenientes da imposição de disciplinas ou por conflito familiar. Ressalta-se aqui, que as medidas punitivas da escola precisam serem revistas, uma vez que ela repreende, proíbe, reprova e pune ao aluno que não condiz com seus princípios pedagógicos. Tais imposições disciplinares geram um sentimento ante afetivo e de revolta no aluno.

Com relação aos professores, observou-se que grande parte deles já sofreram *bullying*, tipo: agressões verbais, humilhação, ameaça, perseguição e até ridicularização por seus alunos, o que gera neles adoecimento com sintomas psicossomáticos como: dor de cabeça, diarreia, vômitos, sudorese, taquicardia, estresse e depressão. Tudo isso diante da possibilidade de deparar-se com seus agressores todos os dias em sala de aula e, tal situação, deixa os professores sem estímulo nenhum para seguirem em frente nessa profissão.

É comum que as vítimas desse tipo de violência permaneçam em silêncio porque não têm coragem de revelá-lo a outras pessoas por medo de retaliação do agressor. No entanto, reafirma que a violência escolar faz parte de um contexto maior, pois é fruto das desigualdades socioeconômicas que se reproduzem no espaço escolar, ou seja, a violência no ambiente escolar nada mais é do que a reprodução da violência social que ocorre fora desta instalação.

Diante desses indicativos alcançados, conclui-se que são vários os fatores de ordens sociais, econômicas e culturais, porém, não podemos nos enganar com os agressores, o desejo de poder e de ser popular criam condições propícias para tornar a escola um ambiente de risco e de vulnerabilidade em que os alunos podem ser vítimas de suas ações violentas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Federal nº. 13431, de 04/04/2017 que estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990. Brasília: Senado Federal; 1990

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, 2003.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. A Reprodução: **Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Trad. Reynaldo Bairão. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORTEZ, Vânia de Moraes Lima. **O Impacto da Violência Escolar sobre o aprendizado dos alunos**. 2012.

FANTE, C. A. Z. **Fenômeno bullying**. São Paulo: Verus, 2005.

FANTE, Cleo. **Fenômeno de Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. Ed. São Paulo: Verus, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2000.

FALEIROS, JM, Matias ASA, Bazon MR. Violência contra crianças na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil: **A prevalência dos maus-tratos calculada com base em informações do setor educacional**. Cad Saúde Pública. 2009;25(2):337-48.

LOPES NETO, A. A. *Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

LAVAREDA, Renata Pereira; MAGALHÃES, Thaís Quezado Soares. **Violência sexual contra crianças e adolescentes**: identificação e enfrentamento. Brasília: Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. Núcleo de Enfrentamento à Violência e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, 2015.

MARRIEL, Lucimar Câmara e cols. **Violência escolar e autoestima de adolescentes**. Caderno de Pesquisa. V. 36, n. 127, p. 35-50, jan./abr. 2006.

OLWEUS, D.; SOLBERG, M. E.; ANDRESEN, I. M. **Bullies and victims at school: are they the same pupils?** *British Journal of Educational Vitalogy*, v. 77, n. 2, p. 441-464, 2007.

OLIVEIRA, Maria Izete. **Indisciplina escolar**: determinações, consequências e ações Brasília: Líber livro, 2005.

PRIOTTO, Elis Palma. **Violência escolar**: Políticas Públicas e práticas educativas. 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008.

ROMERO, Karen Richeter Pereira dos Santos. **Crianças vítimas de abuso sexual**: aspectos psicológicos da dinâmica familiar. Curitiba: Centro de Apoio Operacional da Promotoria da Criança e Adolescente, 2007.

SMITH, P. K. Intimidação por colegas e maneiras de evita-la. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: Unesco, 2002. P. 187-205.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: Mentas perigosas nas ESCOLAS** – Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8. Ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

VALLE, Ione Ribeiro. **O lugar dos saberes escolares na sociologia brasileira da educação**. In: Currículo sem Fronteiras, vol. 8, n.1, p. 94-108, jan/jun, 2008. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org>. Acesso em: 30 ago. 2020.